



EU ME LEMBRO: MEMÓRIA E CINEMA EM EDGARD NAVARRO

Sérgio de Oliveira Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: sergiadoliveirasilva@gmail.com

Milene de Cássia Silveira Gusmão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mcsgusmao@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Bahia é um celeiro de relevantes artistas na arte cinematográfica. Dentre eles, destaca-se a figura de Edgard Navarro, que iniciou sua trajetória nos anos 1970 produzindo alguns curtas-metragens em super 8 e, atualmente, resiste em manter estoicamente o seu desejo de fazer cinema. A proposta aqui contida é a de tomar a produção cinematográfica do roteirista e diretor Navarro, apresentando a maneira como é tratada a questão da memória na feitura de seus filmes, particularmente em seu primeiro longa-metragem, *Eu me lembro* (2005).

Assim sendo, a pesquisa aqui enfocada tem por objetivo compreender como as memórias de Edgard Navarro comparecem na construção do filme, buscando evidenciar suas interpenetrações com as questões sócio-histórico-culturais pertinentes a cada época e espaço, sem deixar de refletir sobre os aprendizados geracionais que influenciam esse processo.

Tendo isso como foco, justifica-se essa análise, na medida em que ao se debruçar sobre a produção de um filme possuidor de tantos elementos representativos de nossa sociedade, possa-se conceber a ideia do filme como um catalisador, para trazer à tona algumas abordagens que logrem auxiliar a percepção da realidade, e com isso, explicitar como as ideias adquirem força social em determinada sociedade, a partir da análise da obra em relação com a vida de seu criador, tendo o filme como objeto de análise e compreensão.

METODOLOGIA

Para isto, encontramos suporte no esquema analítico de Norbert Elias,



especialmente, quando trata da relação entre psicogênese e sociogênese, os elementos que nos auxiliarão na análise aqui delineada. A proposta é entender como os processos sociais interferem nos processos psíquicos e vice-versa, tentando, a partir do filme *Eu me lembro*, indagar sobre a formação da estrutura social de personalidade que expressa o seu diretor-roteirista Edgar Navarro. Isto é, referimo-nos aos processos sociais de formação que resultam em aprendizados, capacidades, recursos cognitivos e talento criativo, tomando como principal referência o trabalho de Elias (1995), intitulado: *Mozart, sociologia de um gênio*, no qual o renomado sociólogo investiga a formação das disposições e o processo de aprendizado e incorporação dos saberes musicais (sonoros, melódicos, rítmicos e harmônicos) que possibilitaram a genialidade expressa na obra de Wolfgang Amadeus Mozart.

Além disso, os procedimentos metodológicos para essa pesquisa também buscam suporte em ferramentas de análise fílmica, onde é possível descrever as imagens e sons do filme, bem como as trucagens da montagem, a construção dos personagens - enfim todos os elementos constitutivos da obra para, posteriormente, desenvolver sua interpretação.

Aqui o propósito não é realizar um estudo biográfico, nem tampouco realizar apenas uma análise fílmica, mas buscar compreender as condições de possibilidades que viabilizaram a realização do referido filme, que toma a questão da como guia para estruturar a sua criação cinematográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autor por excelência, em *Eu me lembro*, Edgard Navarro além de dirigir assina também o roteiro do filme, o que permitiu que ele tivesse o controle criativo da história a ser contada. O que se evidencia no filme é que seu roteirista utiliza-se de um processo de memórias, lembranças e recriações, a partir de experiências vividas e compartilhadas com outras pessoas, ou inspiração na literatura e mesmo em outros filmes, na busca por (re)produzir seu próprio mundo na tela.

O filme se passa na cidade de Salvador entre os anos 50 e 70 do século passado. Seu autor descreve sua história desde a infância até a juventude, colocando em evidência temas que foram essenciais para sua formação, através do personagem Guiga, seu alter-ego. Questões relativas à família, à religião e ao Estado são colocadas,



enfocando o quanto estas instituições foram instrumentos de opressão para a geração de Navarro, que se utiliza da narrativa fílmica para promover uma espécie de catarse, fazendo uso da arte, nas palavras dele, como sua única condição de sobrevivência.

Navarro revela o quanto os filmes que ele assistia avidamente no cinema (guardava o dinheiro da merenda para poder ir ao cinema) foram essenciais para seu despertar como cineasta. *Eu me lembro* traz uma relação temática muito próxima a outro filme, *Amarcord* (1973) dirigido por Federico Fellini, que tem também a memória de seu diretor como fio condutor da história. Sobre este aspecto, Marinyze Prates de Oliveira (2012) destaca que

O diálogo que se estabelece entre *Eu me lembro* e *Amarcord* explicita-se por meio da convergência de muitas cenas que ressignificam, no contexto brasileiro – e baiano, mais especificamente – da década de 60, fatos que circunscrevem uma família italiana da década de 1930, a começar pelo regime de força ao qual se encontram submetidos os dois países nesses momentos: o fascismo na Itália e a ditadura militar no Brasil (OLIVEIRA, 2012, p. 163).

Percebe-se também na cinematografia de Edgard Navarro sua preocupação em fazer emergir certas inquietações sociais para possibilitar que estes temas não sejam esquecidos. Nesse aspecto chama a atenção o seu relato sobre a ditadura militar no Brasil, o cineasta dedica uma sequência para tratar da questão. Nela, além dos diálogos que assinalam o que estava acontecendo no momento, imagens e sons de arquivo dão o tom da repressão por parte do Estado e as consequências da ditadura no seio da sociedade.

Ainda trazendo elementos do filme *Eu me lembro*, André Setaro aponta que:

[...] O resgate memorialístico se faz por meio de sua percepção do homem e das coisas desde tenra idade. É, neste ponto de vista, um inventário, um recuerdo, mas um inventário, diga-se logo, de um artista sensível e exultante, que oscila entre o amargor e a alegria, entre o riso e a tristeza. *Eu me lembro*, em mãos de um outro cineasta que não as de Edgard Navarro, poderia resultar num amontoado de lembranças pueris, mas o autor soube resgatá-las com halo poético não destituído, entretanto, de um olhar irônico muito acentuado e de uma consciência sempre presente da tragicidade da existência (SETARO, 2012, p. 149-150).

Esse olhar cuidadoso que o cineasta teve ao produzir o filme demonstra sua preocupação em apresentar os problemas, porém com leveza. Sua incursão pela história do Brasil nesse período nos faz perceber que esta está impregnada de questões mal



resolvidas, e o desejo de Navarro é fazer com que essas questões sejam conhecidas e discutidas, para propiciar um futuro diferente, melhor. Aqui cabe destacar sua inquietação para a situação dos que são marginalizados. Pululam na tela personagens diversos que vivem à margem da sociedade, especialmente os “loucos”, figuras que têm forte presença em seus filmes, que apontam no desenrolar de suas histórias que muitos desses personagens tem sua loucura originada por estarem imersos nos conflitos sociais e pelo descaso das instituições presentes na sociedade, e por não se adequarem às formas de controle social, estão buscando alternativas de sobrevivência.

CONCLUSÕES

Percebe-se também o cuidado do roteirista Navarro ao descrever cenas que são puro deleite de sua memória, descrição minuciosa e cuidadosa, que transbordam afeto. Uma escolha do diretor e que faz toda a diferença no filme é ter sido, ele próprio, o narrador da história. Ouvir a voz de Navarro ecoando por todo o filme nos faz captar a essência do que está sendo dito.

As experiências vividas por Navarro possibilitaram o desenvolvimento de sua criatividade, transpondo para seus filmes tudo aquilo que ele julgou ser relevante para promover uma discussão. No filme, a história mostrada na tela revela a história vivida, representando a vida de toda uma geração e que pode ser reconhecida por todos nós. Em *Eu me lembro*, através desse resgate memorialístico, cada fotograma apresenta o contexto sócio-cultural-histórico de uma época e do país, exprimindo uma força que faz com que não fiquemos indiferentes ao que está sendo mostrado. Um misto de nostalgia e frustrações nos leva à compreensão do mundo em que vivemos, cheio de contradições, nos oportunizando o encontro conosco mesmos, descrevendo a dura realidade social e as relações de poder estabelecidas, ao tratar de temas do cotidiano de ontem ou de hoje. Assim, cada história narrada por Navarro é o retrato de uma sociedade doente, que aprisiona, às vezes incômoda, que teima em repetir os erros do passado, porém, a partir de sua proposição de não esquecimento dessas mazelas, ele oferece a possibilidade de cura através da eliminação dos preconceitos, da hipocrisia, do medo, da opressão e no final do filme, a arte, nesse caso o próprio cinema, aparece como o meio de se alcançar a libertação, e *Eu me lembro* opera como agente da resistência.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Cinema; Edgard Navarro.

REFERÊNCIAS

EU me lembro. Direção: Edgard Navarro. Pandora Filmes. Brasil, 2006. 110min. Ficção. Colorido. 35mm.

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.

OLIVEIRA, Marinyze Prates de. A tessitura dialógica em *Eu me lembro*, de Edgard Navarro. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual.** Ano 1, edição 1, janeiro/junho 2012.

SETARO, André. RIBEIRO, Carlos (Org.). **Escritos sobre cinema: trilogia de um tempo crítico.** Salvador: EDUFBA: Azougue Editorial, 2010. v. 2.

